

Existencialismo Metafísico

3 – Cientificismo

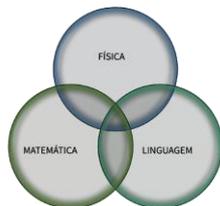
Numa disputa ideológica e estéril, alguns cientistas colocaram a Ciência no topo da hierarquia dos saberes, menosprezando a Filosofia, a Arte e a Religião. Depois desta arrogância, algumas ciências inovam com a hierarquia de saberes dentro da própria Ciência. A Neurologia tenta subordinar algumas ciências e a filosofia a seu paradigma. A Biologia tenta subordinar as ciências humanas e sociais a seu paradigma. A Física tenta subordinar a Química e todas as outras ciências ao seu paradigma, pois acredita (ela também tem fé) que seu trabalho com os elementos fundamentais da matéria vai identificar padrões e prever o futuro de qualquer sistema.

Inicialmente o cientificismo defendia a ideologia da Ciência, a crença excessiva no método científico. Modernamente este neologismo é uma palavra pejorativa usada por filósofos e humanistas para criticar algumas ciências como a Física, a Biologia, a Neurociência que acreditam reduzir tudo a sua ciência. Tais ciências desumanizam as pessoas ao tentar reduzir o ser humano a átomos, a células e a sinais elétricos do cérebro. Pensadores criticam o cientificismo em razão destes reducionismos e de excessos científicos.

A abordagem científica e sua quantificação é um fantástico instrumento do conhecimento. Mas negar outras formas de conhecimento, negar o pensamento racional, negar o mundo metafísico é ignorância. Esta ideia do homem como máquina o desumaniza e prejudica o pensamento da humanidade. Prejudica a busca pelo bem e o afastamento do mal. Prejudica a busca do ideal. As massas acabam por buscar a fé cega das religiões.

O mundo metafísico sempre esteve presente nas religiões sem limite de tempo-espaço. Em todos os lugares, dos aborígenes na Austrália às tribos indígenas da Amazônia, e em todas as épocas, dos primitivos humanos aos dias de hoje, o homem sempre uniu o mundo metafísico ao mundo físico.

A direção da vida é da matéria para a abstração, da representação física para representação virtual, da física para o metafísico. Palavras, números, conceitos e suas interações são abstrações, são entidades metafísicas não presentes no mundo “natural”. Hoje o mundo digital é o grande exemplo da abstração. Igualmente os seres humanos e suas interações são metafísicos. Não só os seres humanos, mas toda a vida é metafísica.



Existencialismo Metafísico

Desde as cavernas, o homem já utilizava a representação simbólica, demonstrada pelas pinturas rupestres. Isto superou os instintos e preparou o homem para o pensamento mitológico. Em torno das narrativas mitológicas e do mundo extrafísico, o homem criou instituições religiosas. Filósofos perceberam que as mitologias são culturais e regionais, desvincularam das religiões e adotaram o pensamento racional. Mas eles não abandonaram a metafísica.

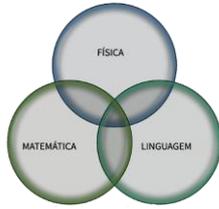
Há historiadores que dividem a existência do universo em limiares. Estes são eventos relevantes da existência do Universo e da vida. O Big Bang seria o primeiro limiar, a formação de estrelas seria o segundo limiar. Depois viriam a formação de elementos complexos, em seguida o surgimento da Terra. O quinto é criação da vida e a aprendizagem coletiva é o sexto. Restam as revoluções agrícola e moderna.

Na aprendizagem coletiva, a informação pode se acumular de geração para geração e isso nos deu as ferramentas e habilidades que precisávamos para dominar o planeta. O historiador israelense Yuval Noah Harari, em seu best-seller “Sapiens, Uma breve história da humanidade” chama de Revolução Cognitiva o limiar da aprendizagem coletiva. Ele assevera que nesta oportunidade surgiu uma forma de pensar e comunicar, entre 70 e 30 mil anos atrás.

Desde a revolução cognitiva, vivemos uma realidade dual (física e metafísica). Um mundo de realidade objetiva (rios, árvores, macacos, humanos) e um mundo de realidade imaginada (deuses, corporações, nações). Esta realidade imaginada tornou-se poderosa, pois a realidade dos rios, árvores e macacos dependem de entidades da realidade imaginada como nações, Ong’s, corporações.

A nossa realidade é então um vai e vem entre o mundo físico (macacos, árvores, rios, casa, estradas) e o mundo metafísico (matemática, lógica, linguagem e também religiões, deuses, empresas, nações). Linguagem é a capacidade de criar uma realidade metafísica com palavras. Nosso conhecimento é um indo e vindo entre matéria e mente.

A revolução cognitiva foi um despertar da negação, da razão, da imaginação, da metafísica. A revolução cognitiva foi, na verdade, uma revolução metafísica. A criação de algo físico passa antes pelo processo mental. Naquela oportunidade, quando os humanos primitivos criaram agulhas e linhas, barcos, ferramentas, eles criaram primeiro mentalmente para depois realizar fisicamente. Vale dizer, a criação do mundo material passa antes pelo mundo metafísico.



Existencialismo Metafísico

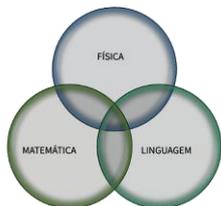
A metafísica está presente nas ciências. Quando estudiosos descobrem a matemática e o empirismo, nasce a ciência. Esta abandona a filosofia e a metafísica. A ciência saiu da filosofia e da metafísica, mas a metafísica nunca saiu da ciência. Se considerarmos a realidade como a trilogia da Física (matéria-tempo-espaço), a matemática, a linguagem e o pensamento são instrumentos metafísicos, pois não possuem ou diluem elementos da trilogia física, e estão em todas as ciências. A ciência convencional não entende a natureza metafísica da matemática. Isto a torna paradoxal.

Em sentido contrário à ideia metafísica, a teoria da evolução unificou mente e corpo e enfatizou a luta pela sobrevivência. Ela inspirou pensamentos materialistas e pragmáticos. Positivistas passaram a pregar a vida em termos biológicos e não metafísicos. O pensamento pragmático busca resultados, utiliza objetos e tecnologia para isto. O utilitarismo avalia os bens pelos números de usos. A teoria de Darwin enfatiza a luta pela vida, o mais apto é quem sobrevive. Mecanicistas passam a acreditar em apenas uma base mecânica e material de todo evento mental.

Neste espírito, a psicologia sem a base mecânica era vista como uma literatura. Amor, paixão, empatia, felicidade deixam de serem sentimentos para serem hormônios como serotonina e dopamina. Com base nestas ideias, cientistas acreditam numa possibilidade de fabricar hormônios sintéticos para criar o amor, a felicidade. Esta é a moderna psicologia. Não têm interesse existencial.

De forma semelhante, a neurologia colocou eletrodos na cabeça das pessoas, percebeu uma movimentação elétrica e, pronto! Acreditou que conseguiu desvendar a mente, a consciência, com um mapeamento desta eletricidade no cérebro. Mas cientistas perceberam uma propriedade do cérebro. A plasticidade. Acidentes em que pacientes perderam parte do cérebro demonstraram que tal mapeamento não é absoluto. Determinada parte do cérebro não danificada recebia atividades elétricas que antes cabiam à parte danificada. A divisão tradicional do cérebro, sendo o lado esquerdo ligado à razão e o direito ligado à emoção, deve ser reconsiderada devido à versatilidade cerebral.

Os modernos instrumentos neurológicos, como ressonância magnética e tomografia computadorizada, não acessam o conteúdo da consciência somente acessível ao “dono” dela. Se acessarmos a consciência a partir da mesma consciência, contraria métodos científicos consagrados e, assim, não tem como explicar cientificamente a consciência. Esta é



Existencialismo Metafísico

transcendental e limita a ciência mecanicista. Imbróglhos científicos, como a natureza da matemática e da consciência, acontecem todas as vezes que a ciência investiga o extrafísico, a vida.

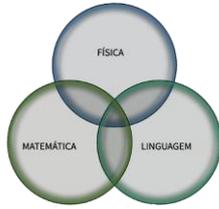
Com esteio no pensamento científico, se o cérebro em uma evolução mecânica cresceu e criou a inteligência, então cérebros maiores deveriam ser mais inteligentes. Seguindo esta premissa, elefantes, baleias e até golfinhos deveriam ser mais inteligentes que os humanos. Sabemos que não é assim. Ainda se alegarem a proporcionalidade entre o peso do corpo e o peso do cérebro, também haveria exceção na natureza. O corvo da Nova Caledônia tem o cérebro proporcionalmente maior que o do homem mediano.

Freud também estudou a consciência e adotou o termo subconsciência para determinar o local onde estariam os desejos reprimidos. Ele usou a metáfora do iceberg para dizer que a consciência ficava na parte visível do iceberg e o subconsciente ficava na parte submersa do iceberg. Ocorre que a ciência ainda não sabe nem mesmo onde fica a superfície do iceberg. A ciência não sabe onde está a consciência e sabe menos ainda o local do subconsciente.

A ciência e a tecnologia evoluíram de forma excepcional. Não se pode negar o desenvolvimento da neurologia e suas virtudes médicas. Primeiro surgiu o eletroencefalograma, depois ressonância magnética, em seguida a tomografia computadorizada. Mas a ciência ainda não sabe onde fica a consciência e nem o que ela é. Desconsiderando o extrafísico, fica difícil defender o cérebro como sendo a própria consciência.

Estas teorias materialistas do século XX tiveram sua importância, mas ficaram limitadas e erraram em ser reducionistas. Elas tentam explicar a mente por princípios físicos, descartar o “fantasma” operando o cérebro e criar uma inteligência artificial. O filósofo Thomas Nagel contestou tais teorias, pois elas queriam solucionar objetivamente o problema sem levar em consideração o caráter subjetivo da experiência mental. Isto passou a ser chamado de “hard problem”, o problema difícil em inglês. Ou seja, querem resolver a questão fisicamente, mas utilizam o caráter subjetivo. As experiências da consciência são em primeira pessoa, inacessíveis do prisma da terceira pessoa. Pelo menos por enquanto.

Dentre estas teorias materialistas, temos a da evolução. O evolucionismo salta os olhos. Einstein dizia que não há nada instantâneo no universo. Tudo demanda um processo.



Existencialismo Metafísico

Você, caro leitor, nasceu a partir de uma célula. No processo fantástico de evolução, transitou pela vida intrauterina, pela infância, adolescência, até chegar à vida adulta. A vida na Terra começou há alguns bilhões de anos a partir de uma célula. A vida começou de seres unicelulares, transitou pelo vegetal e animal até chegar ao homem moderno. Isto é ciência verdadeira, independente de crenças religiosas.

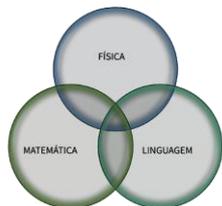
Para nós, não há contradições e exclusões entre a Criação e a Evolução. Agora, quando a religião prega o imediatismo, ou melhor, a criação sem evolução, temos contradições e exclusões. Quando a ciência tenta encadear a história da vida em processos aleatórios e conclui que a vida e o universo foram feitos per se, do Nada, teremos contradições e exclusões. Dizer que o universo e a vida é produto do Nada não faz sentido. Como o Todo veio do Nada? Como o Nada pode produzir a evolução? Se a vida e o universo não têm propósito de Integração, a moral acaba. Pois se deve viver intensamente, custe o que custar.

Sem o metafísico, o mecanicismo sempre entra numa rua sem saída. E a responsabilidade? Se formos máquinas deterministas, não faz sentido regras, moral, ética. Como iremos punir máquinas? Tudo está justificado. Estupros, vícios, homicídios, genocídios estão justificados numa existência única e mecânica. Passaria a valer o aproveitamento máximo da vida. O vale tudo pelo prazer extremo. Crimes e paixões são justificados se o universo não tem propósito. A busca pelo poder ilimitado e Hitler estão justificados. Pedofilia está justificada num universo sem finalidade. A vida tem propósito e a criação foi em termos de evolução e de mérito, não pronto e acabado como quer a gênese bíblica.

A ciência defende a vida e o universo como produtos do acaso, do nada, da sorte, da coincidência. Não de um ato de vontade como querem as religiões. O universo surgiu por si mesmo. É a criação a partir do Nada. Mas como pode o todo vir do nada, sem uma causa, sem a causa primeira? A ciência oficial passa pelos laboratórios que trabalham com espaço, tempo e a matéria na busca pelo real.

Mas o que é o real? Se é ouvir, cheirar, degustar, tatear, ver, como quer o empirismo e parte da ciência, então a realidade é simplesmente sinais elétricos interpretados pelo cérebro. Será? Ou somos feitos do que aprendemos e ensinamos, dos livros que lemos, dos filmes que vemos, das ações e orações, das coisas que gostamos, do nosso estudo e profissão?

Tais sensações se transformam em sinais elétricos e levam as informações ao cérebro. A neurologia não vê imagens ou equações brotarem no cérebro, pois não somos máquinas.



Existencialismo Metafísico

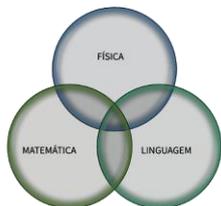
Toda máquina, seja biológica, elétrica ou mecânica, tem um ser por trás. Para a metafísica e as religiões, temos um princípio vital que manipula as forças físico-químicas. Além do corpo há um princípio vital. O vitalismo, doutrina metafísica, assevera um princípio, alma, espírito, consciência além das forças físico-químicas do corpo. O princípio vital tem muitos nomes em diversas culturas e estudos: prana (Índia), ki (Japão), élan vital (Bergson), magnetismo animal (Mesmer).

Apesar da universalidade, a ciência desconhece o fluído vital. A Ciência pode chamar este princípio universal de mito, mas ela também é um mito. Ela era absoluta quando Newton estabeleceu as leis físicas. Seriam leis universais e absolutas. Mas Einstein relativizou tais leis. O mundo científico perdeu a objetividade, perdeu o mundo regido por leis absolutas. Surgiram filosofias da desconstrução. O físico Thomas Kuhn investigou a história da ciência e observou que ela alterna normalidade e crise, momento que surge um novo sistema teórico, uma mudança de paradigma. O filósofo da ciência Paul Feyerabend, em sua obra “Contra o Método”, limitou a ciência. Ele entendia que não há um método científico e que ciência e mito se sobrepõem de muitas maneiras.

O objeto de estudo da ciência é o todo, a totalidade da realidade, compreender todo o universo. Mas a ciência nega o mundo metafísico. Apesar de ser, digamos, embaçado este universo metafísico, as religiões o pregaram em todos os tempos e espaços. Assim podemos dizer que ele é universal, pois existe em todos os tempos e lugares. Sendo universal, não estaria a ciência negando a realidade?

A ciência, então, não estuda o todo. Por que ela não estuda o todo? Porque o método científico é voltado para o exterior do mundo e não para o interior do sujeito. A própria Ciência dividiu a realidade em sujeito e objeto: aquele que conhece e aquilo que é conhecido. O método empírico científico busca o conhecimento do mundo físico e exterior, mas não do mundo interior.

Nesta esteira, a psicologia baseou equivocadamente no método científico ao estudar a psique, a alma, o “eu” ou sujeito do conhecimento. Embora Sócrates dissesse a cerca de 2.500 anos “conheça-te a ti mesmo”, assim com ênfase pleonástica no “eu”, a humanidade não resolveu a questão existencial. A observação do mundo exterior tem a autoridade da ciência. Todavia o mundo interior não está nos sentidos, no sistema nervoso, e nem mesmo no cérebro.



Existencialismo Metafísico

Imagine um carro. Ele tem vários sistemas: de freio, de aceleração, de energia, de refrigeração, de segurança. Mas quem comanda o veículo, tenha ele uma central de computador ou não, é o homem. É algo externo ao carro que é apenas um instrumento. Da mesma forma, o corpo é apenas um instrumento a serviço do “eu”, do espírito ou qualquer nome que o leitor quiser dar a consciência.

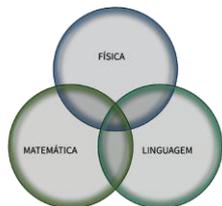
O método empírico pode localizar um objeto no tempo e no espaço para medi-lo, quantificá-lo, ou observá-lo em interação com outros elementos. Um exemplo básico, você pode medir o tempo que um objeto ou um veículo leva para percorrer um espaço. Mas não se pode medir ou quantificar sentimentos ou a consciência no tempo-espaço. E toda interação dela com o ambiente repercutirá em seu interior e exterior. Mas são duas searas diferentes. Uma no mundo físico e outra no universo metafísico.

Com base neste raciocínio, o método científico tradicional é imprestável para compreender a consciência, localizada num mundo extrafísico. A Conscienciologia preenche esta lacuna ao promover a autopesquisa. O corpo e a consciência são o próprio laboratório de pesquisa. Aqui Waldo Vieira prega a mudança de paradigma ao direcionar os estudos para o sujeito do conhecimento, ao invés de se concentrar no objeto como na ciência tradicional.

Filósofo e jurista, Raimundo Farias de Brito defendia um método introspectivo para o estudo do “eu”. A psicologia, em vez de seguir uma carreira diferenciada, adotou o método das ciências naturais. Ficou com medo de ser taxada de não científica e o sucesso do behaviorismo (estímulo e resposta) durou pouco.

A ciência busca descrever a natureza e daí resulta o princípio natural. Ou seja, a ciência busca verdades em processos naturais. Com isto, ela quer dizer que o “sobrenatural” não interfere na natureza. Realmente mito e religiões exageraram em narrativas de intervenções divinas diretas na vida das pessoas. Até hoje as pessoas rezam para seu time de futebol ganhar uma partida ou um campeonato e agradecem a um deus. Mas não há uma intervenção cósmica direta na vida das pessoas, pois a Criação é perfeita e não precisa de reparos ou emendas. Neste sentido é até compreensível a ciência negar o sobrenatural. Mas o mundo extrafísico também não seria natural? Não será ele mais real que o mundo físico?

Da mesma forma infantil, cientistas atribuem determinados fenômenos religiosos a sentimentos e sensações, como o medo, a imaginação, a alucinação mesmo sem evidências empíricas. Atribuir o medo e a superstição como origem de todas as religiões, em todos os



Existencialismo Metafísico

tempos e espaços, seriam negar o que é universal, seria negar a realidade. O medo não pode afetar a todos, o tempo todo em todos os cantos. Nunca será provado o medo como origem das religiões em todos os tempos e espaços. A transcendência é inata, está em todos em qualquer tempo-espaço. A alternância entre os mundos físico e extrafísico explica a espiritualidade e não o medo.

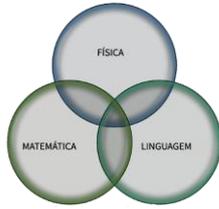
A ciência não aceita a origem da vida a partir de uma inteligência. Para ela, os ingredientes da vida são apenas matéria, energia, leis naturais, acasos, golpes de sorte e acidentes. O materialismo científico descarta o design inteligente na origem da vida.

Entretanto explicações científicas como seleção natural, auto-organização, moléculas ingênuas não conseguiram explicar a origem da vida. Uma explicação a partir de uma evolução química é cega. A ciência não tem uma solução material para origem da vida. Muitos químicos acreditam que a vida surgiu espontaneamente, ao acaso, golpe de sorte, a partir de misturas de moléculas na terra em uma pré-vida. Como, eles não fazem a menor ideia, já que a matemática e as probabilidades não são favoráveis.

A probabilidade surgiu para acabar com o acaso e é que ela faz com o materialismo científico. Ela nega uma possibilidade do acaso como agente criativo da vida. As chances de uma química cega formar uma única proteína é de $1/10$ elevado a 164 (1 seguido de 164 zeros). Para os matemáticos, qualquer acontecimento que tenha uma probabilidade maior que 10 elevado a 50 é rejeitado e considerado improvável. Vale dizer, é impossível. A improbabilidade aumenta muito mais quando se considera que uma célula bem simples tem mais de 300 tipos de proteína. Ainda tem o DNA com cálculos estatísticos improváveis para o acaso.

A estatística estuda o passado pelo presente para calcular a probabilidade do futuro. A probabilidade do acaso como agente criativo da vida é 0. A matemática não gosta de acaso, mas os cientistas materialistas sim.

Em síntese, o pensamento atual e histórico pode ser dividido entre os pensamentos físico e metafísico. O pensamento físico ficou a cargo da ciência e o metafísico a cargo das religiões. O ensino religioso é o mesmo pensamento mitológico de milênios atrás. As teologias vencidas ainda reinam em pleno século XXI, convivendo com modernas tecnologias. Dogmas são estáticos e não permitem a evolução do pensamento. Isto levou a ciência a ridicularizar o pensamento religioso. As infantis teologias apropriaram do metafísico, mas seu pensamento



Existencialismo Metafísico

estático está vencido. Hodiernamente a filosofia segue a ciência e se distancia da metafísica. A Arte moderna se diverte com todos os pensamentos.

A revolução industrial, o positivismo, o pragmatismo levaram o pensamento para o objeto, para as coisas materiais e o consumismo extremo. O existencialismo ateu em nada ajudou o estudo do sujeito. O idealismo perde força para o realismo. A vida passa a ser vista como uma máquina.

A vida não pode ser um mero acidente, uma série de acasos como quer a ciência. Nada faz sentido se não fomos planejados e com um universo sem propósito. Há um propósito cósmico de Integração no universo. As perguntas existenciais ainda continuam para filósofos, cientistas, artistas e religiosos. Eles continuam tentando explicar o enigma da existência. A Conscienciologia e, especialmente, a Holofilosofia devem responder as questões existenciais.

Nosso sistema filosófico volta para o sujeito do conhecimento e sua natureza metafísica. Nosso pensamento, nossa linguagem são metafísicos e constituem nossa consciência igualmente metafísica. O pensamento pode estudar o objeto ou o sujeito. Sócrates centrou no sujeito, buscava o autoconhecimento, o conheça-te a ti mesmo. Descartes também pregava o autoconhecimento a partir do sujeito: Penso, logo existo. Para eles, a filosofia deveria começar pelo sujeito.

A humanidade e a ciência estão tão mergulhadas na matéria que nem percebem suas naturezas metafísicas. Se considerarmos metafísica a diluição da trilogia da física (matéria-espaco-tempo), tanto a linguagem e o pensamento como a matemática são metafísicos. Se considerarmos que somos o que falamos e pensamos, somos seres metafísicos. A neurociência coloca eletrodos na cabeça das pessoas e visualiza apenas sinais elétricos no cérebro. Onde esta a consciência? Ela não sabe, pois se trata de uma entidade metafísica.

Nesta balada, as nossas consciências são infinitas dentro de um cérebro infinito. Com apenas algumas poucas regras matemáticas, nós podemos elaborar equações infinitamente. Então eu posso, em tese, elaborar equações diferentes com conteúdos diferentes pelo resto da vida física e ainda na vida extrafísica, depois da “morte” física. Igualmente e com uma gramática, podemos, em tese, montar frases diferentes com conteúdos diferentes eternamente, uma vez que os substantivos, verbos, adjetivos e advérbios pertencem a classe de palavras abertas. Este tipo de classes de palavras é ilimitado.